



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Histórias existem que, não deixando de ser parábolas, têm o condão de tocar em feridas, há muito abertas, feridas que, não obstante a sua veracidade, vezes sem conta, preferimos ocultá-las ao invés de as sairmos.

A “vinha”, pela sua descrição e realidade, é grande e bela, cuidada, porque amada, amada porque fruto de umas entranhas geradoras de vida onde o amor, e só o amor, é terreno fértil.

“Vinha” que é obra começada e inacabada, onde as sementeiras são constantes, os cuidados, desvelo de quem faz como se de seu fosse e para si trabalhasse, e, se brotam frutos, a culpa primeira é da semente, que nada tem de nosso, da “vinha” que antes de nós já existia, de um terreno que por nós não foi criado nem por nós é gerado, e se houve, e há um trabalho, só o é por missão, resposta a mais que uma mão cheia de potencialidades que nos foram, gratuita e generosamente oferecidas precisamente para que fôssemos isso mesmo: missão. E se é de missão que se trata, só nos poderá mover a busca dos melhores frutos, não daqueles que só encham a vista e que impressionam pela aparência, e não faltam destes por aí, mas daqueles que, podendo não regalar a vista, regalam o paladar e o estômago e estes são cada vez menos. Há quem prefira produzir limas e limões numa parra que é para dar uvas; outros há que apenas se ocupam com a grandeza e o visual da “fruta”, despreocupando-se com o sabor: a estes importa quantos mais cestos melhor!

Ainda figura na diversidade da “vinha” os que se dão para se darem nas vistas, julgando ser os melhores e mais extraordinários produtores, a quem os frutos depressa azedam dado o elevado teor de orgulho e vaidade! Também existem, apesar de mais escondidos e silenciados, os que vão se dando, dando os frutos que lhe são potenciados: esta “vinha” é uma alegria, uma autêntica e contínua tensão que desinstala e desacomoda.

Apesar de termos entrado “in media res”, quando a história já é longa, e muitos outros já deram da sua vida, apesar “da Vinha do Senhor ser a Casa de Israel”, não poucas vezes sentim-nos possuidores, donos, e até mesmo patrões desta “vinha” que nos é confiada: mais isto ou aquilo, mas da porta para dentro... Reclama-se para nós, e só para nós, os frutos produzidos e que a todos é devido; há a tentação de nos apropriarmos em proveito próprio da “vinha” que é do Mestre, de onde todos comem e tiram o comer, onde todos são chamados a dar o melhor de si em proveito de todos.

Apesar dos frutos produzidos não serem, tantas vezes os melhores, apesar dos trabalhadores não estarem à altura da missão e da entrega daquilo que ao Senhor da vinha é devido, apesar das mortes e recusas ocorridas, a vinha não é destruída nem os trabalhadores “infiéis” são exterminados ou mortos, apenas substituídos, até que se apercebiam que o mais belo não é ficar com os frutos mas sim produzi-los e partilhá-los; a vinha é retirada até que se apercebiam que a maior riqueza não é ser dono, mas servir esta “vinha” e este Senhor: o Senhorio é de Cristo.

Se alguma coisa quisermos possuir, que possuamos o desejo da fidelidade! Se algum fruto quisermos reter que seja o da alegria de pertencer a esta vinha e de nela sermos operários.

Se alguma coisa nesta vinha quisermos ser que sejamos, simplesmente... filhos, porque assim percebemos, como diz o apóstolo, que tudo é nosso, nós somos de Cristo e Cristo é de Deus!

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

XXVII DOMINGO DO TEMPO COMUM

Ano A

1ª Leitura

Isaías 5, 1-7

«A vinha do Senhor do Universo é a casa de Israel»

2ª Leitura

Filipenses 4,6-9

«Ponde isto em prática e o Deus da paz estará convosco»

Evangelho

São Mateus 21,33-43

«Arrendará a vinha a outros vinhateiros»

A Palavra de Deus deste Domingo utiliza a imagem da “vinha de Deus” para falar do Povo que aceita o desafio do amor de Deus e que se coloca ao Seu serviço. Desse Povo, Deus exige frutos de amor, de paz, de justiça, de bondade e de misericórdia.

Na primeira leitura, o profeta Isaías dá-nos conta do amor e da solicitude de Deus pela sua “vinha”. Esse amor e essa solicitude não podem, no entanto, ter como contrapartida frutos de egoísmo e de injustiça: O Povo do Senhor tem de deixar-se transformar pelo



amor sempre fiel de Deus e produzir os frutos bons que Deus aprecia - a justiça, o direito, o respeito pelos mandamentos, a fidelidade à Aliança.

No Evangelho, Jesus retoma a imagem da “vinha” e critica fortemente os líderes judaicos que se apropriaram em benefício próprio da “vinha de Deus” e que se recu-

saram sempre a oferecer a Deus os frutos que Lhe eram devidos. Jesus anuncia que a “vinha” vai ser-lhes retirada e vai ser confiada a trabalhadores que produzam e que entreguem a Deus os frutos que Ele espera. O problema fundamental que este texto nos levanta é o da coerência com que vivemos o nosso compromisso com Deus e com o Reino. Deus não obriga ninguém a aceitar a sua proposta de salvação e a envolver-se com o Reino; mas uma vez que aceitamos trabalhar na sua “vinha”, temos de produzir frutos de amor. A parábola convida-nos, antes de mais, a não nos deixarmos cair em esquemas de comodismo, de instalação, de facilidade, de “deixa andar”, mas a levarmos a sério o nosso compromisso com Deus e com o Reino e a darmos frutos consequentes

Na segunda leitura, Paulo exorta os cristãos da cidade grega de Filipos - e todos os que fazem parte da “vinha de Deus” - a viverem na alegria e na serenidade, respeitando o que é verdadeiro, nobre, justo e digno. São esses os frutos que Deus espera da sua “vinha”.

SABIAS QUE...



... hoje, 4 de Outubro, a Igreja celebra São Francisco de Assis?

Nascido em Itália, cidade de Assis, no ano de 1181 ou 1182, filho de Pedro Bernardone, comerciante de tecidos, e Donna Pica, recebeu, pelo baptismo, o nome de João, nome este que, posteriormente, o seu pai, ao regressar da região de Provença, França, e como forma de homenagear o local onde ia comprar os seus tecidos, mudou para Francisco (Francesco ou Francês).

Teve, à semelhança dos jovens burgueses da sua época, uma juventude marcada pela boémia e, resultante do seu desejo e procura por novas aventuras, em 1204, alistou-se no exército do Papa Inocêncio III. Contudo, e após um sonho que teve numa noite a caminho do campo de batalha, regressa a Assis e começa uma vida mais retirada e

com uma viragem clara no seu ideal.

No ano de 1205 ouve, do crucifixo da Igreja de São Damião, em Assis, o seguinte apelo: “Francisco vai reparar a minha Igreja que está a cair em ruínas”. Este episódio leva-o a, numa primeira fase, dedicar-se, literalmente, à reconstrução física da Igreja de São Damião, facto que leva o pai a afastar-se dele.

Mais tarde, em 1209, e já com um grupo de 11 seguidores que adoptaram, à semelhança de Francisco, uma vida marcada pela imitação de Cristo e, logo, pela pobreza, simplicidade e austeridade, Francisco obtém, do Papa Inocêncio III a aprovação oral da sua Regra e da sua Forma de Vida dos Frades Menores, fundando, em 1209 ou 1210 a Ordem Terceira de São Francisco, actualmente denominada de Ordem Franciscana Secular (OFS).

A partir daí Francisco e os seus seguidores desenvolveram um verdadeiro caminho de evangelização, destacando-se a sua ligação à natureza e o início do diálogo inter-religioso e do espírito ecuménico que promoveu quando se deslocou ao Próximo Oriente onde se encontrou com um dos líderes Muçulmanos contra os quais os europeus estavam em guerra pela libertação dos lugares santos.

Francisco faleceu em 1226, sendo canonizado a 16 de Julho de 1228 pelo Papa Gregório IX.

Saibamos, deste modo e neste seu dia, viver, como São Francisco de Assis, a radicalidade do Amor de Deus na sua plenitude.

POR CÁ

O Médico Veterinário e o exemplo do seu Padroeiro



No dia 4 de Outubro, celebra-se o dia de São Francisco de Assis, do Animal e do Médico Veterinário. São Francisco de Assis é considerado o protetor dos animais e padroeiro da ecologia (assunto sempre em voga, seja o tema religioso, técnico ou mesmo informal), pelo que a sua escolha como padroeiro do médico veterinário não foi, de todo, aleatória.

Tal como acontece em todas as profissões, a Veterinária, por ideais comuns, assume um modelo ideológico, que neste caso específico, é o modo de vida de S. Francisco de Assis, talvez não de uma forma religiosa, mas, sem dúvida, como sendo um modelo a seguir ou uma forma de viver, amando os animais e a natureza. S. Francisco de Assis viveu em meditação e em louvor a Deus, contemplando a beleza da Sua obra, desde a mais pequena formiguinha até ao Sol, bem como, a importante interação entre os seres vivos e o planeta onde todos nós vivemos.

São Francisco deixou-nos com uma grande lição de vida: Devemo-nos encan-

tar com tudo o que existe na natureza, com toda a sua beleza, harmonia e perfeição, respeitando o seu equilíbrio, independentemente, das nossas crenças, opiniões ou fundamentos. Assim sendo, porque não acreditar em algo mais? S. Francisco de Assis, viu algo nos animais. Percebeu que, a sua existência e a sua interação com a natureza eram da máxima importância. Percebeu que os animais tinham um papel mais ativo do que apenas “existir” no nosso Planeta. E isso faz-me repetir: porque não acreditar em “algo” mais? Como não ver o milagre do ovo, da carne e do leite que alimentam as pessoas? Como não ver os animais domesticados que ajudam nas terapias de pessoas com vários tipos de incapacidades? Como não ver o gato ou o cão que esperam o dono em casa e que o recebem e o amam como seu igual? Como não se emocionar com o encanto da vida animal em todo o seu esplendor? Tudo isto é inegável e tudo isso se relaciona com a importância da natureza, da biodiversidade e no bem que os animais nos fazem a nós e à nossa vida.

Referia ainda e em jeito de conclusão, que, independentemente de quaisquer crenças em geral, ou de dedicações religiosas em particular, todo e qualquer Veterinário, alguma vez, na sua carreira profissional disse, ou garantidamente, pensou: “Fiz tudo o que podia e sabia por este animal... Agora está nas mãos de Deus” – Isso dá-nos muito em que pensar.

*Tiago Viveiros
Médico Veterinário*

“Não deixemos de louvar o Senhor através do canto”



Desde pequeno que canto e toco em celebrações eucarísticas. Como sou músico, para mim é muito corriqueiro cantar, tocar a qualquer hora, em diferentes lugares, situações. Mas quando se trata de fazer música no âmbito da fé, a história é completamente diferente, pois não estou a interpretar uma peça para um júri, nem para o público em geral. Independentemente do lugar sagrado onde estou a tocar estar lotado de pessoas, não é para elas que eu toco, canto, nem para o padre ou outra entidade do mesmo local, mas sim, para Deus. Louvo e glorifico Deus Trino, o

Todo-Poderoso, através das minhas mãos e da minha voz. Mas ainda é diferente quando se toca para um Deus presente, através do Santíssimo Sacramento.

Aí deixa-se de seguir a partitura e somos levados, guiados por Deus. Não deixemos de louvar o Senhor através do canto, pois o canto é das coisas mais bonitas que poderemos oferecer. A música é muito importante a todos os níveis, principalmente na fé, pois quem canta/toca reza duas vezes.

João Francisco Tavares

ENTRE NÓS...

A Música na Liturgia

Ao longo dos tempos, e apesar de inúmeras alterações que se têm verificado na Igreja, a música tem mantido um importante papel na liturgia. As primeiras gerações de cristãos já entoavam melodias muito simples – cantos eclesiais - baseadas nos recitativos litúrgicos.

No século VI, o Papa Gregório I, conhecido como Gregório Magno, e com o objetivo de unificar os diferentes cantos litúrgicos que se cantavam um pouco por toda a Europa, compilou-os e sistematizou-os, criando o Canto Gregoriano que viria a ser utilizado nas celebrações religiosas da Igreja Católica. Assim, o Canto Gregoriano teve o seu auge na Idade Média, propagando-se pelas Igrejas e Mosteiros da Europa, servindo de mote a composições litúrgicas de vários monges compositores.

Avançando na História da música, e já nas épocas Barroca e Clássica, encontramos grandes obras musicais que foram compostas para serem cantadas no serviço litúrgico. Isto acontece porque os grandes nomes de música erudita não ficaram indiferentes ao fascínio de louvar a Deus através da Música. O melhor exemplo será, sem dúvida, John

Sebastian Bach, organista e compositor, que ao longo da sua vida sempre esteve convencido de que toda a música era criada para a glória de Deus. Entre outras, escreveu inúmeras cantatas e obras de inspiração religiosa, que descrevem, com carácter poético, situações bíblicas ou profanas. E lembremos a grande Missa da Coroação, escrita por Wolfgang Amadeus Mozart em 1779, e que foi tocada e cantada em contexto litúrgico, acompanhando uma missa rezada pelo Papa João Paulo II, na Basílica de S. Pedro, no Vaticano, em 1985. Ou a célebre Missa de Requiem, que Mozart não conseguiu terminar antes da sua morte, uma música de grande beleza, em especial o Lacrimosa, que nos transporta ao transcendente, onde, para os crentes, Deus existe.

“Quem canta reza duas vezes!”

Esta frase, que foi passando de pais para filhos, é na verdade uma expressão de Santo Agostinho, baseada na convicção de que a música cristã é uma oração cantada, sendo o texto a razão de ser do canto litúrgico. Não há dúvida de que a música embeleza o ato litúrgico, e nos

ajuda a rezar. Não há dúvida, também, de que a beleza da música nos eleva a Deus. Contudo, há que ter a consciência de que, no serviço religioso, a música deverá estar ao serviço da palavra. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil transmite-nos essa ideia de forma clara: - “Quanto mais uma obra musical se insere e se integra na ação litúrgica e em seus diversos ritos, ‘aqui e agora’, e na celebração comunitária, tanto mais é adequada ao uso litúrgico. Ao contrário, quanto mais uma obra musical se emancipa do texto, do contexto, das leis e ritos litúrgicos, muito embora se torne demonstração de arte e de cultura ou de saber humano, tanto mais é imprópria ao uso litúrgico”. Por seu lado, o Concílio Vaticano II define a “Música Sacra” como parte integrante da liturgia, e acrescenta que será tanto mais sacra, quanto mais intimamente estiver ligada à ação litúrgica, afirmando, apesar de admitir a utilização de alguns instrumentos musicais adequados ao uso sagrado, que “na Igreja latina se tenha em grande estima o órgão de tubos, instrumento musical tradicional, cujo som é capaz de acrescentar um esplendor notável às cerimónias da Igreja e de elevar



poderosamente os ânimos para Deus e para as realidades celestes».

A Música é a linguagem da alma! Que o nosso canto nos ajude a Louvar a Deus e a rezar, muitas vezes...!

Ana Paula Andrade